

ENTRE O CORPO E AS PRÁTICAS CORPORAIS

Ana Márcia Silva¹

Resumo: Ensaio que problematiza os conceitos de corpo e práticas corporais e alguns de seus desdobramentos para a prática profissional.

Palavras chave: Corpo; Práticas corporais; Epistemologia.

Between the Body and the Body Practices

Abstract: Study that problematizes the concepts of body and body practices and some of its consequences to the professional practice.

Key-words: Body; Body practice; Epistemology.

INTRODUÇÃO

Há anos vimos desenvolvendo estudos relacionados ao corpo e aos elementos históricos mais significativos em sua concepção e em seu tratamento (SILVA, 1996; 1997; 1999; 2001). Desenvolvemos, também, estudos no âmbito das práticas corporais em diferentes espaços e para diferentes setores da população (SILVA e DAMIANI, 2005a; 2005b; 2005c; 2006), além de estudos sobre o manejo desse conceito em diferentes campos do conhecimento, com especial destaque para a Educação Física (LAZZAROTTI FILHO *et al.*, 2010).

A partir desse conjunto de pesquisas e de reflexões, alguns eixos nos parecem ser fundamentais para pensar estes dois conceitos que dão o título a este ensaio e seus

¹ Faculdade de Educação Física, Universidade Federal de Goiás.

desdobramentos para a intervenção profissional: a) Que os conceitos corpo e práticas corporais são mutuamente referenciados; b) Que a etimologia de um termo diz muito da história de sua construção e dos significados que foram postos em ação com seu uso; c) Que há uma tendência na prática científica tradicional que vai gradativamente reduzindo as características dos fenômenos e limpando os conceitos, tendência que prevalece no campo da EF. Há outra que busca manter a conectividade dos conceitos com a realidade, sua finalidade heurística, explicativa dos conceitos; buscamos nos situar nessa última tendência; d) Que o termo práticas corporais vinha sendo utilizado há algumas décadas sem uma definição clara e sem muito consenso na comunidade acadêmica; observamos, porém, que no momento parecem já existir condições para sua consolidação como conceito.

Importante dizer, também, que desenvolvemos o estudo desses temas a partir da epistemologia, inicialmente. O enfoque epistemológico, porém, mostrou-se insuficiente frente à dinâmica do real que precisa contar com uma perspectiva ontológica e gnosiológica, mas também política para compreender e avançar mais adequadamente nas pesquisas e proposições teórico-metodológicas.

Iniciamos com algumas reflexões sobre o corpo e as práticas corporais, argumentando em prol da compreensão de que esses conceitos são mutuamente referenciados. Para isso, retomamos a alguns elementos históricos desenvolvidos em outro momento (SILVA, 2011), acerca das características do conceito de corpo e outros correlatos na filosofia helênica, na forma como foram construídos e mobilizados pelos cidadãos gregos antigos de alguns séculos a.C. Alguns elementos indicam um ponto de viragem histórica nessas definições conceituais e práticas corporais na filosofia helenística dos primeiros séculos (d.C.) e que constroem outras definições para ambos os conceitos. Essas definições, em especial na modernidade, vão se tornando cada vez restritas em sua abrangência, especializando-se e reduzindo as suas características definidoras.

Analisar a constituição histórica dos conceitos também permite a conhecer algo das estratégias de poder e dominação. Permite conhecer e tomar consciência de que há um tipo de poder que se veicula também no âmbito teórico, agindo por intermédio dos conceitos e da própria linguagem; um tipo de poder que se enquadra no que Bourdieu

(2007) chamou de “poder simbólico”. Os conceitos são produtos das interações sociais e ao analisá-los podemos conhecer o sentido dessas interações sociais, as quais dinamizamos em nossas atividades científicas e profissionais cotidianas. Os conceitos têm, também, potenciais de denúncia e de anúncio por sua referência à realidade concreta; dado que deveria ser mais bem considerado por todo campo acadêmico ao operar com conceitos.

De outros corpos e práticas corporais:

O conceito também é a sua própria história de construção e uso. Tendo isso em conta se faz importante observar o fio da história. Essa estratégia nos permite desnaturalizar os conceitos e identificar outras características que os definiam em períodos históricos diferentes e observar em que medida se mantém na atualidade. Uma análise que consideramos importante são os conceitos de corpo e práticas corporais de períodos históricos anteriores (SILVA, 2001), cuja síntese apresentamos a seguir.

Um entroncamento histórico e geográfico importante é o que ocorreu na Grécia clássica, especialmente porque dali saiu o eixo civilizatório que marca o ocidente. Muitos dos elementos que constituem o campo da Educação Física foram constituídos e marcados naquela cultura, tal como a ginástica, a olimpíada, o atleta, o ginásio, a academia.

A sensibilidade helênica pressupunha o corpo nu durante a exercitação possibilitando uma íntima proximidade com a natureza. A nudez permitia a manifestação da *physis*, da natureza presente desde o nascimento e que consistia um atributo de irmandade entre todos os seres. Em essência, a exercitação do corpo nu, a *gymnus*, não deveria ser obscurecida pela utilização de roupas, artefatos humanos, não presentes na *genesis*. Sua prática era constituinte da educação dos jovens gregos e um dos traços marcantes daquela sociedade. Marrou (1969) informa, também, que o corpo nu representava uma forma de distanciar-se dos bárbaros com seus objetos e roupas consideradas estranhas e escandalosas, distantes da concepção de simplicidade que pressupunha a unidade, fundamento da vida espiritual que iluminava as práticas sociais daquele povo.

Destaca-se, ainda, que as finalidades propostas para o que hoje denominamos de práticas corporais eram não apenas a saúde e a força, mas antes, a beleza e a graça dos movimentos: o bem viver, coerente com os princípios morais pregados. No helenismo, a ginástica afirmou-se como o sistemático exercício das faculdades espirituais e o “ginásio um dos indicadores do grau de desenvolvimento da nação que a diferenciavam das sociedades bárbaras” (POHLENZ, 1976, p. 809).

A importância das práticas corporais naquela cultura era tal que os jogos olímpicos e suas anotações iniciais em 776 a. C. forneceram a base para uma cronologia válida para todo estado grego. Pohlenz (1976, p.815) acrescenta que as peregrinações até o vale de Olímpia, mais do que a curiosidade por assistir fatos sensacionais ou feitos espetaculares nas olimpíadas, eram motivadas por contemplar “pelo menos uma vez na vida, a força e a beleza de uma humanidade ideal”, reforçando a consciência de unidade nacional.

A concepção de *physis* que irá predominar, porém, não é essa do helenismo. Será a da corrente de pensamento estoicista dos primeiros séculos da era cristã sob o domínio do Império Romano e que indicava, já naquele período, uma inversão neste conceito. A filosofia estoica pautava-se pela imanência e pela racionalização na interpretação do mundo, apresentando o conceito de *physis* de forma reducionista, identificando todos os seres tão somente com sua materialidade. Sua compreensão era de um universo material e corpóreo, com ciclos sempre idênticos e sem espaço para criatividade ou mudança, apenas repetição e passividade: a *physis* helênica comum a todos os seres vivos transforma-se no “físico” material e singular de cada indivíduo. Este "materialismo" ou "corporeísmo" dos estoicos e seus desdobramentos no conceito de corpo e de ser humano será exacerbada com o positivismo de Comte e assimilada pela ciência moderna, como nos lembra Abrantes (1998).

Como já indicamos anteriormente (Silva, 2006; 2011), a análise da denominação do campo - Educação Física - e de vários de seus termos e conceitos, como atividade física, exercício físico e outros, têm em comum o conceito de *physis*, raiz grega, origem etimológica dessa expressão “físico”. O que se quer ressaltar é que a origem desse conceito era muito diferente da utilizada na atualidade como sinônimo de

corpo, e que hoje passa hegemonicamente a referir-se apenas à dimensão biológica do ser humano.

A compreensão helênica de *physis* era de “essência”, de “natureza” comum a todos os seres e que em nada lembra a perspectiva da materialidade presente na modernidade nas concepções de corpo e de movimento que se tornaram hegemônicas na atualidade. Esse é um dos elementos mais importantes para opção pelo conceito de práticas corporais em detrimento ao conceito de atividade física por sua base reducionista.

Na atualidade, as pesquisas que se vinculam com uma concepção de ciência tradicional trabalham com conceitos de corpo e movimento centrados na dimensão anátomo-fisiológica. Atribuem-lhes a condição de objeto material, compreendendo-os como passivos, não criativos, a históricos e desprovidos de subjetividade (ANTUNES, SILVA e BAPTISTA, 2013). Compreender esses pressupostos epistemológicos se faz fundamental na tarefa de um campo acadêmico, inclusive porque há profundos desdobramentos metodológicos, como alertam Galak e Gambarotta (2011) e que podem ser observados na investigação como na intervenção profissional.

Para essa concepção que estuda a atividade física e movimento físico torna-se adequado utilizar exclusivamente os referenciais de uma física euclidiana-newtoniana ou de uma física social comteana porque considera que apenas o que é material e pode ser quantificado é que pode ser estudado cientificamente. O corpo entregue à razão médica passa assim a ter consistência de objeto, de coisa cognoscível, a partir da prática sistemática da observação e da experimentação inaugurada por Claude Bernard e que serve de modelo teórico para a física social de Augusto Comte. A obra de Pasteur encontra-se nessa mesma fronteira ligada ao reducionismo e à desconsideração da complexidade inerente ao real (SILVA, 2001).

Nessa concepção, fazer uma educação física fundada num certo tipo de condicionamento é absolutamente lógico, assim como o é promover atividades físicas para uma concepção de saúde parametrizada unicamente por indicadores biológicos. Em outras palavras, o materialismo dos estoicos atinge um grau superior na contemporaneidade, com sua transformação em objeto.

Nesse longo percurso histórico e, sobretudo, na modernidade, o corpo - o *meu* corpo como algo que o *eu* possui como propriedade - foi tornado objeto de conhecimento a partir de sua separação com aquilo que é o não-corpo; da separação de sua materialidade aparente e daquilo que estava oculto pela pele. O corpo tornado objeto torna-se uma propriedade do sujeito.

Das condições para estabelecer o conceito práticas corporais:

Compreendendo esses elementos que indicam um reducionismo crescente no conceito de corpo, sua desconexão com o real e os desdobramentos teórico-metodológicos é que temos buscado outro caminho. Tal como dizia Bourdieu (2011), a estruturação adequada dos conceitos é tarefa de um campo acadêmico-científico em processo de consolidação, como também o é superar o senso comum, as construções vulgares e presas às aparências do bom senso.

O que vimos identificando em nossas análises é que o início do uso do termo práticas corporais ocorria a partir de uma noção mais intuitiva e que necessitava de um tratamento mais rigoroso. Sua utilização, porém, cada vez mais intensa parte dos pesquisadores ao longo das últimas décadas, já indicava a potencialidade para ser estruturado como conceito, necessitando de certo nível de consenso na comunidade acadêmica. Ainda que houvesse discrepâncias entre os autores ao operar com o termo, identificou-se também um expressivo nível de consenso no campo ao manipular o conceito, o que parece ter se acentuando nos últimos anos.

Algumas definições já estão presentes na literatura, caminho normal de qualquer construção conceitual e que possibilita o consenso e a consolidação do referido conceito.

Uma dessas definições é a desenvolvida por Castellani Filho e Carvalho (2006, p. 217):

(...) manifestações da cultura corporal de determinado grupo que carregam os significados que as pessoas lhes atribuem, devem contemplar as vivências lúdicas e de organização cultural e operar segundo a lógica do acolhimento,

aqui no sentido de estar atento às pessoas, de trabalhar ouvindo seus desejos e necessidades.

Grando (2006, p.32), de forma um pouco mais ampliada, define práticas corporais

(...) entendendo-as como práticas sociais que associam a tecnologia a estéticas corporais específicas para manifestar no corpo e com o corpo os sentidos e significados da beleza, da alegria, da religiosidade, da moral, de determinado grupo étnico e que possibilitam a construção de um 'ideal de pessoa'. As práticas corporais, portanto, são manifestações culturais. Essas manifestações são explicitadas nos movimentos corporais identificados como dança, jogo, formas de exercitar, luta, competições esportivas etc. Essas práticas corporais expressam uma educação específica do corpo que por sua vez explicitam a concepção de pessoa em cada sociedade. Como vimos nos exemplos de Mauss – na natação, na corrida e na marcha – cada prática corporal, explicita a identidade étnica de quem a pratica, a partir das técnicas corporais e da estética explicitada no corpo em movimento.

Outra definição é organizada por Pinto, Bassani e Vaz (2012, p. 911) sintetizada no texto abaixo, onde os autores afirmam que compreendem as

(...) práticas corporais como aqueles dispositivos que, possuindo certa sistematicidade e recorrência histórica, tomando o corpo como território privilegiado de inserção e incisão – portanto, o tomam como objeto –, apoiando-se em um conjunto de técnicas disponíveis em um tempo, que por sua vez são organizadas segundo uma sintaxe própria, historicamente delimitado por uma tradição. São fruto também, portanto, de uma *episteme* (FOUCAULT, 2007), de um saber-poder que não propriamente as anuncia, mas lhe sustenta discursivamente.

Esses são exemplos de conceituações encontradas na literatura brasileira, permitindo observar seus distanciamentos, motivados, talvez, por suas diferentes inspirações epistemológicas. Permite também observar que há vários elementos comuns nessas formulações mostrando que os significantes aos quais se referem são, em geral, os mesmos, além da sua finalidade operativa que busca manter uma conexão com o real.

Em outro momento (LAZZAROTTI *et al.*, 2010), explicitamos os resultados de pesquisa que indicavam os significados do termo práticas corporais que têm sido mobilizados pelos pesquisadores. Esses significados indicam a preocupação com os conteúdos subjetivos, individuais e coletivos postos em ação nas práticas corporais, para

além dos efeitos orgânicos mais imediatos. Os dados mostravam que o uso do termo práticas corporais aparecia vinculado a sua compreensão como elementos da cultura, como manifestações culturais que se explicitam pelo corpo.

O uso do termo também indicava outra perspectiva ontológica e seu desdobramento em outro conceito de corpo que se opõe ao biologicismo. A expressão “não só biológica” é recorrente nos textos pesquisados, o que já indica certa demarcação conceitual, ainda que se definindo pelo contraste, com aquilo que não é ou não quer ser.

Os dados indicavam várias características e elementos argumentativos que se encaminhavam para sua conceituação, tais como:

1. São identificadas como manifestações culturais que enfocam a dimensão corporal, característica, segundo os textos analisados, não presente na perspectiva dos pesquisadores que utilizam o conceito de atividade física;
2. Buscam superar a fragmentação identificada na constituição do ser humano e denotam uma crítica a forma de organização da vida contemporânea e seus desdobramentos no corpo;
3. Apontam para uma ampliação conceitual deste termo com elementos das ciências humanas e sociais e tensionam com uma concepção de ciência pautada na objetividade e neutralidade;
4. A exemplificação encontrada indica as práticas corporais como sendo, principalmente esporte, ginástica, dança, luta, tai-chi, yoga, práticas de aventura, jogos;
5. Destacam-se as diferenças e contrastes entre as práticas corporais orientais e as ocidentais;
6. Externam uma preocupação com os significados e sentidos atribuídos as práticas corporais por parte dos sujeitos que as praticam, para além de sua utilidade mais pragmática;
7. Apresentam finalidades como educação para sensibilidade ou educação estética, promoção da saúde, para desenvolvimento do lazer, para a sociabilidade e para o cuidado com o corpo. (LAZZAROTTI *et al.*, 2010, p. 18-9).

Acumularam-se condições para isso e o termo práticas corporais pode ser tomado como um conceito. Para isso, importante frisar que na perspectiva que trabalhamos os conceitos só podem ser compreendidos de maneira relacional porque se remetem ao mundo social; têm como significantes, os fatos ou elementos da vida social.

Tal como se posiciona Wacquant (2002, p. 102), tratam-se de conceitos que buscam “reter a conectividade intrínseca da realidade social”. Esse mesmo autor citado nos fala de duas formas de lidar com as teorias e conceitos que se remetem ao universo social. Uma dessas formas é denominada de “modo escolástico”, no qual “dividimos, polimos e limpamos conceitos (...), isto é, produzimos categorias teóricas como um fim em si mesmo”. A outra forma, a qual ele chama de “modo gerativo”, busca o

desenvolvimento de teorias e conceitos com uma função explicativa. Sua finalidade é ser usado em pesquisas empíricas, “para provar e expandir sua capacidade heurística em um confronto sistemático com a realidade sócio-histórica”. (WACQUANT, 2002, p. 103).

A partir dessa compreensão, argumentamos que os conceitos de corpo e práticas corporais são mutuamente referenciados por sua conexão teórica-prática intrínseca. Importante ressaltar que o conceito de práticas corporais, ao referir-se ao âmbito das práticas sociais, busca compreender e esclarecer mais adequadamente um recorte da realidade e deve ser continuamente testado no confronto com esse aspecto da realidade social.

O termo práticas corporais é o símbolo linguístico para um conceito que reúne os enunciados acerca dos fenômenos sociais. Em termos teóricos, o termo abarca características ou atributos dos fenômenos chamados de significantes, os quais são concretos e compõem a realidade social, tais como as danças, os jogos, os esportes, as acrobacias, as lutas, as artes marciais.

Ao conjunto de características de um fenômeno ou objeto corresponde ao enunciado que define um conceito. É com base nos enunciados que compreendemos como os conceitos funcionam: como “unidades do conhecimento, síntese dos predicados necessários e relacionados com o objeto que se quer conceituar, o que exige que a linguagem especializada tenha maior precisão do que aquela do senso comum” (CAMPOS; SOUZA; CAMPOS, 2003, p.11).

Em síntese, o conceito é formado por três elementos centrais: o significante ou referente, que é o recorte da realidade que queremos conceituar; as características e significados do significante, aquelas que se pode identificar no referente; e por fim, a forma verbal, o termo que utilizamos para designá-lo, o qual também é constituído por uma etimologia, uma história de seu próprio uso. Dahlberg (1978, p. 106) vai dizer que se trata de fazer uma “equação de sentido”, onde cada enunciado verdadeiro representa um elemento do conceito, “(...) um atributo predicável do objeto que, no nível de conceito, se chama *característica*”.

Buscando definir o conceito geral práticas corporais e considerando as formulações conceituais já existentes, sobre ele podemos observar as seguintes características:

- ✓ Explicitam-se principalmente no corpo e pelo corpo;
- ✓ Constituídas por conjuntos de técnicas disponíveis naquele tempo histórico e organizadas a partir de uma lógica específica;
- ✓ Foram/são construídas a partir de interações sociais determinadas que lhe conferem um significado coletivo;
- ✓ São desenvolvidas com determinadas finalidades e significados subjetivos, os quais dialogam com a tradição que as organiza;
- ✓ Pressupõem determinados objetos para sua realização, sejam eles equipamentos e/ou espaços;
- ✓ Foram desenvolvidas a partir do tempo livre ou do não trabalho;
- ✓ Apresentam um componente lúdico e por vezes ritualístico;
- ✓ Em geral, implicam num grau de dinamicidade, elevando a tensão e movimentação corporal acima do cotidiano e com atributos como agilidade e energia.

Sobre as práticas corporais esportivas, além das características acima enunciadas, ainda se poderia dizer, seguindo o pensamento de Bracht (2003) que:

- ✓ Possuem um conjunto de regras unificadas internacionalmente;
- ✓ Instituições organizadas de forma hierarquizada para a gestão/administração competitiva;
- ✓ Pessoal especializado e externo a prática que se torna responsável pela arbitragem.

O conjunto de tais enunciados, as características que eles anunciam ao descrever essas práticas sociais, constitui o conceito “práticas corporais”.

Para desnaturalizar os conceitos se faz necessário compreendê-los no fluxo da história porque se remetem aos significantes que também estão. Com essa compreensão, percebe-se que os conceitos estão em disputa porque são parte de diferentes visões de

mundo também o estão. Uma disputa, também, com outras percepções e interesses que permeiam um campo acadêmico-científico.

Dahleberg (1978) também nos diz que se dois conceitos diferentes possuem características idênticas e um deles possui uma característica a mais do que o outro, então entre eles se estabelece uma relação hierárquica ou relação de gênero e espécie. Pode-se então falar de conceitos mais amplos ou mais restritos, assim como também se pode falar de conceito superior e inferior. O conceito superior é o mais genérico e o conceito inferior pode ser considerado como mais específico.

Podemos exercitar a capacidade heurística do conceito, as suas possibilidades explicativas de um recorte da realidade, como buscamos fazer a seguir. As práticas corporais de dança podem incluir um conceito mais específico de danças populares brasileiras, por exemplo, e constituído por outro conceito de prática corporal ainda mais restrito como o samba. Outro exemplo podem ser as práticas corporais esportivas e em seu interior, o voleibol, seguido de um conceito de prática corporal ainda mais restrito, que pode ser o voleibol de areia.

Nessa perspectiva, considerando o conceito de atividade física como “qualquer movimento corporal produzido em consequência da contração muscular que resulte em gasto calórico” (MATSUDO; MATSUDO; BARROS NETO, 2001, p.02) observa-se que o conjunto de suas características é inferior ou mais específico que o conceito de práticas corporais que o inclui.

Todas essas práticas sociais que conceituamos como práticas corporais, segundo o coletivo de autores (1992), constituem-se como representações, ideias ou conceitos produzidos socialmente e denominados “significações objetivas”. Frente à força dessas significações sociais, as subjetividades podem se desenvolver exprimindo suas perspectivas individuais acerca da realidade e da própria vida, a partir de suas motivações pessoais. Nessa perspectiva dialética, o ser humano constrói-se a si mesmo por meio das práticas corporais, ao mesmo tempo em que reconstrói o mundo (SILVA, 2006).

Poderíamos questionar ainda: por que não usar atividade corporal? Talvez, porque na tradição brasileira o que predomina não é compreensão de atividade a partir

do conceito construído pelas teorias de ensino-aprendizagem que as escolas soviética e francesa construíram. O que predomina é um conceito frágil que foi inserido no sistema educacional brasileiro para organizar as atividades consideradas não intelectuais, tal como foram, durante algum tempo, a Educação Física, Educação Artística e Religião.

Entre os conceitos e a intervenção profissional

Essa discussão em torno dos conceitos de corpo e práticas corporais não é meramente uma questão terminológica ou semântica. Além de serem dois conceitos-chave para o campo da Educação Física, a discussão sobre eles coloca-se numa tríplice dimensão: como concepção teórica, como prática profissional e como políticas sociais.

As características que definem o conceito de práticas corporais são, também, princípios de ação que vão sendo mobilizados na intervenção profissional em Educação Física, questão que precisa ser mais bem desenvolvida no interior deste campo acadêmico.

Importante ressaltar que parte dessas discussões tem um marco histórico importante na publicação do livro *Metodologia do Ensino de Educação Física*, do Coletivo de Autores (1992). Essa obra registrou, entre outros, dois elementos fundamentais na discussão: Que os conteúdos da Educação Física são vinculados ao campo da cultura e que a expressão corporal é uma forma de linguagem.

Ainda do interior dessa obra que se tornou um clássico da Educação Física brasileira, podemos dizer que há “significações objetivas” (Coletivo de Autores, 1992) em todas as práticas corporais, que se constituem como conceitos ou ideias, representações produzidas socialmente e, por isso, compartilhadas.

A corporalidade pode ser compreendida como a materialidade corpórea em sua forma dinâmica de expressão humana, ao mesmo tempo, única, individual, ainda que, em alguma medida, seja compartilhada por todos. Com essa compreensão observamos que é um conceito que se encontra carregado de intencionalidade como toda ação humana o é, em sua dimensão política. Tem, portanto, um conteúdo de denúncia e de anúncio.

A intervenção profissional exercida no cotidiano vai constituindo uma disposição dos indivíduos para dar vida e sustentar uma prática coerente com seus princípios, mesmo que em meio a um conjunto de desafios. Bourdieu (1998, p. 83) nos indica que desse modo se instaura “uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história”.

Ainda na direção do esclarecimento desses dois conceitos que aqui nos mobilizam, encontra-se outro conceito também importante. A corporalidade é anterior e subjacente a qualquer movimento corporal humano e não é tematizada em nenhum outro campo acadêmico-profissional, seja nos âmbitos da saúde ou educação. Identificamos sua proximidade com a Educação Física sendo um foco de interesse e de responsabilidade profissional ao perspectivar a formação integral do ser humano, assim como a busca por uma condição de saúde e bem estar.

Partimos de uma compreensão ontológica que pode ser encontrada em Romano (s/d) de que a humanidade em cada ser humano constitui-se como consciência de si mesmo na identificação no/do outro como seu semelhante. Nesse sentido, justifica-se considerar em pé de igualdade tanto o âmbito cultural das práticas corporais e do movimento humano, como o âmbito anátomo-fisiológico.

A corporalidade parece reunir, tanto numa perspectiva epistemológica quanto na atuação profissional com as práticas corporais, as percepções de corpo, movimento e ambiente de uma maneira substantiva. Ao considerar efetivamente essas percepções mencionadas na organização de sua intervenção pedagógica ou terapêutica, há maiores possibilidades de respeitar a inteireza humana e possibilitar melhores experiências.

Nessa questão também se faz importante destacarmos o impulso lúdico que está presente nessas atividades, o qual pode ser um importante eixo para a atuação profissional, dado seu poder emancipador, como Eagleton (1993) destaca.

Frente à força dessas significações sociais, as subjetividades podem se desenvolver exprimindo suas perspectivas individuais em busca de seus interesses e objetivos, tornando-se um forte motor tanto para a saúde como para a educação. Nessa

perspectiva dialética, o ser humano constrói-se a si mesmo, ao mesmo tempo em que reconstrói o mundo (SILVA, 2006).

Em síntese, pode-se dizer que as práticas corporais são fenômenos que se mostram, prioritariamente, ao nível corporal, constituindo-se em manifestações culturais, tais como os jogos, as danças, as ginásticas, os esportes, as artes marciais, as acrobacias, entre outras. Esses fenômenos culturais que se expressam fortemente no nível corporal e que, em geral, ocorrem no tempo livre ou disponível, com importante impacto orgânico. São constituintes da corporalidade humana e podem ser compreendidos como forma de linguagem com profundo enraizamento corporal que, por vezes, escapam ao domínio do consciente e da racionalização, o que lhes permitem uma qualidade de experiência muito diferenciada de outras atividades cotidianas.

As características das práticas corporais indicam as potencialidades de um trabalho pedagógico e terapêutico, de formação humana em tudo que permite esse termo. A fruição de uma experiência no grau de envolvimento que as práticas corporais permitem coloca em jogo o conjunto dos órgãos e sentidos humanos, retomando possibilidades sensíveis, esquecidas, inclusive no âmbito da alegria e da ludicidade, como poucas atividades o permitem.

Com esta preocupação em perspectiva, os estudos e pesquisas nesse campo, assim como as intervenções profissionais dela decorrente, permitem focar a questão das intensidades do corpo, sem perder de vista os grandes temas políticos e as necessidades e direitos cidadãos desse tempo histórico. Compreender e assumir a importância do corpo, da corporalidade, das práticas corporais como enfoque é condição para que a intervenção profissional trabalhe numa dimensão ampliada de saúde, assim como de lazer e de educação possam efetivamente se consolidar.

REFERÊNCIAS:

ANTUNES, P. C.; SILVA, A. M.; BAPTISTA, T. J. R. Corpo e saúde na produção acadêmica da Educação Física brasileira: um estudo centrado na meia idade. *Motrivivência*, Florianópolis, n. 41, 2013. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n41p176>. Acesso em 10/02/2014.

- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, P. *Homo academicus*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.
- BRACHT, V. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. 2. ed. Ijuí: Editora Unijui, 2003.
- CAMPOS, M. L. A.; SOUZA, R.; CAMPOS, M. L. M. Organização de unidades de conhecimento em hiperdocumentos: o modelo conceitual como espaço comunicacional para a realização da autoria. *Revista Ciência da Informação*, vol. 32, n. 2, 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19652003000200002&script=sci_arttext. Acesso em 10/02/2014.
- CASTELLANI FILHO, L.; CARVALHO, Y. M. Resignificando o esporte e o lazer nas relações com a saúde. In: CASTRO, A.; MALO, M. (orgs.). *SUS: Resignificando a Promoção da Saúde*. São Paulo: Hucitec/Opas, 2006
- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez Editora, 1992.
- DAHLENBERG, I. Teoria do conceito. *Revista Ciências da Informação*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, 1978. Disponível em <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/viewFile/1680/1286>, Acesso em 15/04/2013.
- EAGLETON, T. *A ideologia da estética*. Trad. Mauro Sá Rego Costa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- GALAK, E. L.; GAMBAROTTA, E. M. Conquista, confirmación y construcción Del cuerpo: uma proposta para El estudio de las prácticas corporales a partir de la epistemología de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 33, n. 4, out/dez 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n4/a09v33n4.pdf>. Acesso em 10/02/2014.
- GRANDO, B. S. Corpo, educação e cultura: as práticas corporais e a constituição da identidade. In GRANDO, B. S. *Corpo, educação e cultura: práticas sociais e maneiras de ser*. Cáceres/MT: Editora da UNEMAT, 2006.
- MARROU, H. I. *História da educação na antiguidade*, São Paulo: Editora Herder, 1969.
- MATSUDO, S. M.; MATSUDO, V. K. R.; BARROS NETO, T. L. Atividade física e envelhecimento: aspectos epidemiológicos. *Revista Brasileira de Medicina de Esporte*, vol. 7, n. 1, 2001. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-86922001000100002&script=sci_arttext. Acesso em 10/02/2014.

PINTO, F. M., BASSANI, J. J., VAZ, A. F. Sentidos das práticas corporais fora da escola para alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista Brasileira Ciências do Esporte*, Florianópolis, v. 34, n. 4, p. 909-923, out./dez. 2012.

ROMANO, R. *Corpo e Cristal: Marx romântico*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, s/d.

SILVA, A. M. Das práticas corporais ou porque “Narciso” se exercita. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Florianópolis: CBCE/UNIJUÍ, v. 17, n.3, maio/1996. Disponível em <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/article/view/855>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. A dominação da natureza: o intento do ser humano. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.18, n.2, jan., 1997. Disponível em <http://rbceonline.org.br/revista/index.php/RBCE/issue/viewIssue/77/5>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos CEDES (Impresso)*, Campinas, v. 19, p. 07-29, 1999. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a02.pdf>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. *Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade*. Campinas: Autores Associados, Florianópolis: Ed. da UFSC, 2001.

SILVA, A. M. A natureza da *physis* humana: indicadores para o estudo da corporeidade. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Org.). *Corpo e história*. (4ª ed.) Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

SILVA, A. M.; PERINI, C. G.; AGOSTINI, M. P. . História de Bugres e Tigres: Corpo e Natureza em Terras Catarinenses. *Pro-Posições*, Campinas, v. 14, n.2, p. 121-146, 2003. Disponível em http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/~proposicoes/textos/41-dossie-Silvaam_etal.pdf. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. e DAMIANI, I. R. As práticas corporais na contemporaneidade: pressupostos de um campo de pesquisa e intervenção social. In: ____ (orgs). *Práticas corporais: gênese de um movimento investigativo em Educação Física*, Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005a. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume1.pdf>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. e DAMIANI, I. R. *Práticas Corporais: trilhando e compar(trilhando) as ações em Educação Física*. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005b. Disponível em <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume2.pdf>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. e DAMIANI, I. R. *Práticas Corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana*. Florianópolis: Naemblu Ciência e Arte, 2005c. <http://www.esporte.gov.br/arquivos/sndel/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume3.pdf>. Acesso em 10/02/2014.

SILVA, A. M. e DAMIANI, I. R. *Práticas Corporais: experiências em Educação Física para outra formação humana*. Florianópolis: Naembla Ciência e Arte, 2006. <http://www.esporte.gov.br/arquivos/snelis/esporteLazer/cedes/praticasCorporais/praticasCorporaisVolume4.pdf>. Acesso em 10/02/2014.

SOARES, C. Notas sobre a educação do corpo. *Revista Educar*, Curitiba, n. 16, 2000. Disponível em http://www.educaremrevista.ufpr.br/arquivos_16/lucia_soares.pdf. Acesso em 10/02/2014.

WACQUANT, L. O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal. *Revista Sociologia Política*, Curitiba, 19, p. 95-110, nov. 2002.

Contato dos autores: anamarcia@pq.cnpq.br	Data de Submissão: 10/02/2014 Data de Aprovação: 14 /06/2014
---	---